

Dr. Anthony J. Tomasino, Judaísmo Antes de Jesus, Sessão 4, Influência Persa no Povo Judeu

© 2024 Tony Tomasino e Ted Hildebrandt

Este é Tony Tomasino e seus ensinamentos sobre o Judaísmo antes de Jesus. Esta é a sessão número quatro, a influência persa sobre o povo judeu.

Então, um dos tópicos mais importantes quando se fala sobre a Pérsia, nem tanto esses reis que ninguém conhece ou se importa muito, mas na verdade é a impressão deixada pelos persas e sua cultura em pessoas como, por exemplo, os judeus .

E não pensamos muito na cultura persa hoje em dia. Temos tapetes persas. Temos gatos persas.

Mas o que realmente sabemos sobre essas pessoas? Eles não estão em nossas mentes na maior parte do tempo. Somos produtos da cultura ocidental e, infelizmente, ignoramos o que aconteceu no Oriente. Mas a cultura persa é muito importante para o desenvolvimento do Judaísmo e também para o desenvolvimento do Cristianismo.

Então, vamos falar um pouco sobre a cultura persa. Sim, esses são gatos persas. Ah, mas uma das coisas que surpreendeu os gregos em relação aos persas é que eles consideravam os persas provavelmente os mais. A única palavra que consigo pensar é eclética.

Você sabe, eles eram pessoas que extraíram elementos de muitas culturas diferentes e os tornaram seus. E lembre-se, é claro, essas pessoas eram originalmente nômades que andavam a cavalo por todos os lugares e desciam da região montanhosa onde não estavam construindo muitos edifícios ou algo desse tipo. Então, onde vão eles, o que fazem para construir a sua cultura e para se desenvolverem como povo? Bem, eles pegam emprestado de outras pessoas.

Assim, por exemplo, a sua arquitetura, profundamente influenciada pelos babilônios. E uma das coisas pelas quais os persas são famosos são os seus jardins. Ah, na verdade, uma das últimas palavras hebraicas para jardim, na verdade, vem do persa.

Então, essas pessoas se tornaram, até certo ponto, uma espécie de epítome dos jardineiros. Mas de onde eles tiraram essa ideia? Esses eram nômades, certo? Eles herdaram isso dos babilônios. Pense nos jardins suspensos da Babilônia, certo? Bem, os persas adotaram a ideia da Babilônia, os babilônios e a levaram ainda melhor.

Então, e isso era comum para eles, é pegar emprestado uma coisa boa quando a veem e depois melhorá-la. Aramaico, o uso da língua aramaica. Ora, os persas não eram falantes do aramaico.

Nativamente, eles tinham sua própria língua indo-ariana, o persa, você sabe, que eles falavam. Mas quando conquistaram o império babilônico, descobriu-se que a língua persa, ou algo assim, era menos útil para eles do que a língua aramaica. A língua aramaica foi usada em todo o império babilônico.

E assim, em vez de insistir que todos aprendessem a falar persa, que é o que os babilônios teriam feito, o que os gregos teriam feito. Em vez disso, o que eles fizeram foi dizer, bem, vamos usar o aramaico. E notavelmente, muito mais tarde, alguns dos textos que chegaram até nós da era parta e da era sassânida são escritos em uma forma de aramaico, que conhecemos como siríaco.

E assim, o aramaico continuou a ser uma língua viva e ativa para eles por algum tempo. Eles importaram vinho. Eles não cresceram, não cresceram, o vinho não era nativo dos persas.

Não era nativo dos medianos. Eles herdaram isso dos babilônios, mas notavelmente o vinho se tornou uma parte realmente importante de sua cultura. Agora, mais uma vez, você tem que encarar isso com cautela porque isso vem de Heródoto, que gostava, gostava de suas histórias.

Mas, de acordo com Heródoto, os persas, persas importantes, nunca tomariam uma decisão antes de ficarem muito bêbados com vinho. E então, e eles, eles disseram que acreditavam que de alguma forma eles se tornariam influenciados pelo espírito daquela maneira. Agora, não há nada na religião zoroastrista que tenha alguma coisa a ver com vinho.

Isso soa muito mais como uma coisa grega para mim, mas de qualquer forma, foi testado em outros lugares também, que os persas bebiam muito vinho. Temos os recibos. Então, sabemos que eles consumiam muito vinho, mas aparentemente isso foi algo que aprenderam com os babilônios.

mas, sim, então Heródoto disse que sempre que eles quisessem tomar uma decisão importante do estado, eles ficariam bêbados, o que, você sabe, poderia explicar algumas coisas, mas então, disse que tentariam reconsiderar isso uma vez que eles ficou um pouco sóbrio. Mas de qualquer forma, sim, essa cultura estava pegando emprestado todos esses elementos diferentes. a religião.

Agora, antes da época de Dario, talvez até antes da época de Ciro, não sabemos. a religião persa era um tipo de fé muito politeísta. Você sabe o que eu quero dizer? Eles tinham muitos deuses, e alguns de seus deuses incluíam Mitra e Mitra.

O mitraísmo tornou-se uma religião muito importante durante os dias do Império Romano. Então, não tanto entre os persas naquele momento, mas Mitra era um dos seus deuses. Uhura era um dos seus deuses, deuses.

Eles também adoravam vários devas ou semideuses. Então você tem esse panteão de muitos deuses diferentes. O que realmente sabemos sobre esses deuses? Quase nada.

Realmente, não sabemos muito sobre a religião dos persas antes da época em que o Zoroastrismo se tornou sua religião oficial. O Zoroastrismo recebeu o nome do profeta Zoroastro, ou você pode tê-lo ouvido ser chamado de Zaratustra. ele foi um profeta persa que viveu entre mil e 500 AC.

Bem, isso é um intervalo ou o quê? Simplificando, não sabemos quando ele viveu. Nós temos as tradições; algumas tradições dizem mil, e algumas tradições dizem 500. Uma das poucas coisas que sabemos sobre ele é que ele escreveu um, o, o fundamento das escrituras zoroastrianas, o Avesta, uma porção que é chamada de Gathas.

E então, eles são atribuídos a ele porque o fato da forma como são escritos, da língua que são, de serem escritos de uma forma muito arcaica da língua persa e, se torna a base para o, para a fé zoroastriana. aliás, se você já ouviu isso, como eu disse, esse nome Zaratustra e, você pode ter ouvido isso de Nietzsche e do livro Assim Falava Zaratustra. Há uma razão rígida pela qual Nietzsche decidiu usar Zaratustra como esta figura em seu livro.

A figura que ele cria, a figura mítica em seu livro, realmente não tem muita semelhança com a figura histórica real de Zaratustra ou Zoroastro. Mas a razão pela qual ele usou isso é porque uma das coisas que sabemos sobre Zoroastro é que sua religião era uma espécie de monoteísmo ético, uma religião onde a adoração a Deus estava relacionada a um código ético de comportamento, certo? E Nietzsche pensou que Zoroastro foi a primeira pessoa a fazer isso. Bem, eu diria, você sabe, podemos rastrear isso um pouco antes disso, até alguém chamado Moisés.

Mas de qualquer forma, então, foi por isso que ele estava, ele estava usando Zaratustra para explorar a questão do bem e do mal e o que isso tem a ver com enraizar nossa moralidade em nossa, em nossa religião e nesse tipo de coisa. Enfim, outro ponto: só não confunda Zaratustra na obra de Nietzsche com o verdadeiro profeta Zoroastro, que era uma pessoa muito diferente. O que sabemos sobre Zoroastro é que ele ensinou que existia um Deus bom, e ele se chamava Ahura Mazda.

Ahura, claro, é o nome de um dos deuses tradicionais iranianos. Mazda, aparentemente uma palavra que significa sabedoria. Então, significa o tipo de coisa do grande e sábio Deus.

OK. Mas ele também ensinou que havia um espírito maligno chamado Angra Mainyu, que era quase como um anti-Deus, sempre em conflito perpétuo. Angra Mainyu é a fonte de todo mal, de todo infortúnio, de todas as más ações.

Ahura Mazda é tudo de bom. Só o bem vem de Ahura Mazda. Todas as coisas boas, toda verdade, toda luz, toda graça, toda paz.

OK. então estes dois estão, estão neste conflito perpétuo, mas não em conflito eterno porque de acordo com o Zoroastrismo, eventualmente Angra Mainyu será destruída num lago de fogo. Soa familiar.

Tudo bem. as primeiras formas de Zoroastrismo são difíceis de determinar. Nós, nós temos os Gathas e podemos ver os ensinamentos éticos ali envolvidos.

Você sabe, isso é uma ênfase muito forte na importância de preservar a vida e o respeito por outras coisas vivas, uma ênfase muito, muito forte na integridade e na mentira versus falsidade. Existem, existem todos esses dualismos, você sabe, a verdade versus a mentira, a luz versus as trevas, etc., etc. Muito, muito importante para o Zoroastrismo.

Mas essencialmente, as primeiras formas de Zoroastrismo estão fora do que conhecemos nos Gathas. Nós realmente não sabemos muito sobre eles. Então, qualquer coisa que eu diga sobre a influência do Zoroastrismo sobre outras religiões pode ser encarada com cautela porque, porque é como se fosse um mistério, influenciando outro mistério.

Agora, não sabemos realmente o que era o Judaísmo, digamos, mesmo na época de Esdras ou do povo no período do império persa, porque, havia, ele ainda estava passando por esse fluxo. Ainda estava sendo codificado. Ainda estava sendo solidificado.

Também não sabemos o que era o Zoroastrismo neste período. Então, tentando falar sobre quem influenciou qual e como os dois se influenciaram, você sabe, tudo tem que ser encarado com leveza. Isso não nos impede, é claro, de falar sobre isso.

Mas, novamente, não sabemos quando o Zoroastrismo se tornou a religião oficial da Pérsia. Muito provavelmente, parece ter acontecido assim na época da resposta de Darius e Darius a esta aldeia, onde ele encontra pessoas adorando demônios e como Ahura Mazda o ajuda na destruição dessas pessoas e de seus demônios. Isso parece um pouco mais intolerante do que o Zoroastrismo típico.

Mas, por outro lado, parece-me o zelo de um recém-convertido. Portanto, há um enigma do contato cultural. Isso é uma espécie de trava-língua, mas também é algo que devemos ter em mente quando falamos sobre o que acontece quando há nações que entram em conflito umas com as outras ou entram em contato umas com as outras.

os judeus foram dominados pelos persas por cerca de 200 anos. E isso é apenas na terra de Judá porque o Judaísmo continuou na Babilônia, e continuou na Pérsia por várias centenas de anos depois daquela época, todo esse tempo lá sob o governo, sob o domínio dos persas e sob a influência de, nós digamos, a tradição zoroastriana dos persas. Então, a questão é: como isso afeta a cultura e a religião judaicas? Agora, é claro, às vezes podemos ver quando uma cultura entra em conflito ou contato com outra, quase podemos adivinhar o que vai acontecer porque é lógico.

Você sabe, é lógico que se você tem uma cultura muito dominante e outro povo vive no meio de uma cultura muito dominante, eles tendem a ser assimilados, certo? Você sabe, meu bisavô veio da Itália. Ele morava numa espécie de bairro italiano. Não falo italiano hoje.

Ainda tenho o nome, mas é tudo o que tenho. Fomos totalmente assimilados pela cultura americana, e é isso que acontece quando uma cultura é colocada em contato próximo com outra. Às vezes há um intercâmbio de elementos culturais, e podemos dizer que ambos se enriquecem com esse processo.

E muitas vezes isso acontece quando há algo muito atraente ou algo muito poderoso ou convincente nas pessoas cultas, um povo que é culto por outro. Há um ditado que diz isso, e não me lembro a quem isso é atribuído, mas diz que os romanos conquistaram os gregos e depois foram cativados pelos seus, pelos cativos deles. Agora, os romanos eram muito mais poderosos.

Eles conquistaram a Grécia e ainda assim adotaram muita cultura grega. E é realmente notável algumas das coisas que eles adotaram e algumas das coisas que rejeitaram. Mas podemos ver que nem sempre é simplesmente a nação mais poderosa que despoja a outra nação da sua cultura.

Às vezes, também funciona na outra direção. Portanto, embora algumas coisas funcionem de maneira previsível, outras coisas não funcionam de maneira tão previsível. Outra coisa que devemos ter em mente aqui também é que muitas vezes as pessoas reagem muito mal à ideia de que os judeus possam ter sido influenciados nas suas crenças religiosas por outra nação ou outro povo.

E o que eles pensam é, bem, você está dizendo que a fé judaica foi contaminada. Você sabe, lemos nos livros de Moisés e assim por diante, havia essa ideia com a qual

você não quer ter contato, com os hititas e os amorreus e os midianitas e assim por diante, porque isso vai contaminar sua fé. Você irá adorar seus deuses.

E, claro, é exatamente isso que vemos acontecer com pessoas como Salomão, por exemplo, que se deixa levar por esses deuses pagãos. E então, há esta ideia que muitas pessoas têm e justificam até certo ponto: o Judaísmo pode ser moldado pela tradição religiosa de outra religião, ou isso apenas resulta em apostasia? E meu pensamento nesse sentido é que Deus pode revelar a verdade ao seu povo de qualquer maneira que Deus escolher para revelar a verdade ao seu povo. Você sabe, Deus pode usar os pagãos se assim o desejar, para ensinar a verdade ao seu povo.

E vemos isso acontecer até na Bíblia. Por exemplo, Jetro é o sacerdote midianita, sogro de Moisés, e vemos Jetro ensinando a Moisés sobre habilidades de liderança e outras coisas desse tipo. nós realmente nem sabemos o quanto a fé midianita pode ter influenciado e moldado as primeiras crenças de Moisés e assim por diante.

Houve perguntas sobre isso também. Há um sujeito chamado Balaão. Você sabe, Balaão era um sacerdote, um pagão, um profeta, devo dizer, um profeta pagão, que tinha um burro, que, o burro meio que avisou Balaão, é claro, sobre coisas como anjos invisíveis e assim por diante.

Mas também Balaão é responsável por algumas profecias muito poderosas sobre a vinda do Messias. Então, aqui Deus usou um pagão para falar a verdade ao seu povo, e também usou um burro para falar a verdade ao seu povo. Você sabe, filosofia grega e teologia cristã.

Agora, eu sei que esta é um pouco mais duvidosa , você sabe, porque existe aquela velha questão de o que Atenas tem a ver com Jerusalém. Você sabe o que a filosofia grega pode nos dizer sobre o cristianismo? Mas não pode haver dúvida de que a filosofia grega moldou muitas das nossas crenças cristãs. Santo Agostinho, que foi o pai de grande parte da nossa teologia cristã, que nós, que mantemos fiel até hoje, tinha uma dívida profunda e assumida com os filósofos gregos.

São Tomás de Aquino, que moldou grande parte da teologia católica, estava muito em dívida com Aristóteles. Portanto, sabemos que a filosofia grega tem sido usada para moldar a teologia cristã. E mesmo que muitas pessoas nos bancos não percebam quantas de suas crenças vieram dessas fontes pagãs, ah, sim, elas estão lá.

Eles estão ali. E tudo que você precisa fazer é arranhar um pouco abaixo da superfície e você os encontrará. Então, não acho que seja errado dizer que Deus pode usar quaisquer fontes que quiser, incluindo os pagãos, para ensinar a verdade ao seu povo.

E seria sensato sermos humildes e estarmos dispostos a ouvir algumas dessas vozes às vezes. Agora, novamente, temos que ter cautela aqui porque muitas das crenças zoroastrianas que vemos e que normalmente se acredita terem influenciado o Judaísmo podem muito bem ter se desenvolvido muito, muito mais tarde. E pode muito bem ter se desenvolvido com o Judaísmo, em oposição a antes do Judaísmo.

Portanto, não podemos dizer com certeza quando essas crenças surgiram e como elas podem ter influenciado o Judaísmo no período intertestamentário. Assim, mais uma vez, tudo o que digo aqui no que diz respeito à influência religiosa deve ser considerado provisoriamente. Agora, antes de entrarmos nos aspectos religiosos do contexto cultural, com, contato, vamos falar sobre os efeitos sociais e culturais da dominação persa sobre os judeus.

Uma das coisas que vemos acontecer aqui é uma crescente proeminência do sacerdócio. Isto já acontecia durante o final do período do Antigo Testamento, e podemos ver que sem um rei, os judeus procuravam a liderança dos seus sumos sacerdotes. Agora, havia governadores naquela época, e os governadores eram tipicamente nativos, mas não necessariamente nativos judeus.

E o líder da comunidade judaica local, agora estou ficando um pouco controverso porque há alguns estudiosos que discordam disso, mas acredito que muito frequentemente, o líder nativo era o sumo sacerdote. Durante os tempos em que o sumo sacerdote liderava o país como seu líder, havia um certo prestígio associado ao seu papel. No livro de Malaquias, podemos ver que o profeta Malaquias atribui muitos dos males do povo aos pés do sacerdócio, que ele vê o sacerdócio como um grande problema naquele momento porque ele diz que o povo deveria procurar sabedoria da boca do sacerdote, o que é, mais uma vez, uma espécie de novo papel para o sacerdócio porque, claro, nos velhos tempos, os sacerdotes realizavam os sacrifícios, os sacerdotes faziam estes rituais, os sacerdotes faziam as suas orações, mas os sacerdotes não parecem ser professores, você sabe, mas na época da dominação persa, a noção do sacerdote como pré, como professor está profundamente arraigada.

Vemos isso não apenas no livro de Malaquias, mas também durante todo o período intertestamentário e também nos Manuscritos do Mar Morto, a propagação dos judeus por todo o mundo mediterrâneo. Já mencionei o facto de que as viagens estavam a tornar-se mais seguras, e porque as viagens estavam a tornar-se mais seguras, os judeus podiam viajar de uma parte da nação, de uma parte do império, para outra parte do império. Eles poderiam encontrar um lugar onde pudessem fazer negócios e comércio, e provavelmente encontrariam pessoas que falassem aramaico.

Como falavam aramaico e as pessoas ao seu redor falavam aramaico, todos podiam cooperar, formar sindicatos e fazer negócios uns com os outros.

Nem sempre foi fácil. Na verdade, vemos, mesmo perto do fim do período intertestamentário, que havia, em alguns lugares do império, grande preconceito contra os judeus por diversas razões. Mas, mas na maior parte, vemos os Judeus conseguindo espalhar-se por todo o mundo Mediterrâneo nesta época.

Curiosidades interessantes aqui. Durante a época de Jesus, os judeus provavelmente constituíam o maior grupo étnico do Império Romano. principais razões para isso? Os judeus tinham famílias grandes.

Eles tinham muitos filhos. OK? Os gregos não. Os romanos não.

E muitas outras nações adotaram o costume grego de ter um ou dois filhos ao mesmo tempo. Os judeus tinham muitos filhos, ok? E então eles estavam crescendo rapidamente. E esse era um dos motivos pelos quais eles se ressentiam, aliás, porque parecia que não dava para se virar sem esbarrar em um deles.

Então, muitos judeus no Império Romano. E isso contando apenas o Império Romano. Há muitos judeus na Pérsia e na Pártia.

Há muitos judeus no Egito. Os judeus estavam espalhados por todos os lugares naquela época e naquela região. Isto foi facilitado pelo Império Persa e pelas suas conquistas.

Uma questão de idioma, é claro. Já mencionei a adoção do aramaico como língua franca. Também já mencionei a bifurcação do hebraico.

Como o hebraico se tornou uma língua da intelectualidade e uma língua nacionalista, mas também era uma língua do povo comum, do povo da terra, e também se tornou uma espécie de língua vulgar. Mas também vemos o uso de palavras emprestadas do persa nos últimos livros do Antigo Testamento. Um livro de direito, por exemplo, é uma palavra que vem do hebraico e do aramaico, do persa.

E então chegamos ao hebraico posterior, ao hebraico dos Manuscritos do Mar Morto e ao hebraico da Mishná. Vemos muito mais dessas palavras emprestadas sendo adicionadas. Raz, outro.

Mistério. Portanto, estas são palavras que foram adotadas e se tornaram parte de uma parte muito importante, na verdade, dos meios de expressão judaicos e da cultura judaica e até mesmo de sua filosofia – a padronização de leis e rituais.

Conversamos sobre como Darius exigia a padronização das leis. Isso teria acontecido naturalmente entre os judeus? Bem, talvez, mas quem sabe? Você sabe, de qualquer forma, o que sabemos é que eles levaram um empurrão. Eles receberam um

empurrão de Dario e mais tarde de Artaxerxes, empurrando-os no sentido da padronização das leis.

E poderíamos até dizer talvez canonizando suas escrituras. E nenhum outro povo no antigo mundo mediterrâneo tinha um cânone de escrituras da mesma forma que os judeus tinham um cânone de escrituras. Mas houve certamente um movimento nessa direção, inspirado por algumas destas políticas persas.

Uma das coisas que testemunha isso são essas cartas chamadas cartas Elefantinas. Vou falar sobre isso com mais detalhes em alguns minutos aqui, particularmente um texto chamado Papiro da Páscoa, que mostra como a noção de centralização e padronização de rituais estava se tornando importante para os judeus nesta época. Papiro Elefantino.

Este é um deles. Como você pode ver, está meio quebrado e apodrecido em alguns lugares e assim por diante. Elefantina era uma colônia militar judaica no Egito.

E esses papiros foram encontrados lá em Elefantina, e datam de cerca de 495 AC a 405 AC. E podemos datá-los com muita precisão porque estão datados, o que é uma coisa maravilhosa, eles nos dizem quando foram escritos. Mas eles fundaram esta colônia militar na altura em que estes textos estavam a ser escritos.

Não é mais uma colônia militar. Foi assim que tudo começou. Mas nesta época, havia muitas pessoas comuns fazendo muitas coisas.

E muitos dos seus documentos são judeus. Não eram apenas judeus que viviam aqui. Havia outras pessoas, sírios e egípcios nativos também.

O conteúdo desses papiros inclui cartas pessoais, contratos, obras literárias, uma história chamada história de Ahikar , que era muito popular entre os judeus. Eles adoraram essa história. Eles tinham cópias dele aqui.

Mencionei o livro de Tobias anteriormente, que está nos Apócrifos, que é sobre um jovem judeu que é resgatado de um demônio. De acordo com o livro de Tobit, Tobit era primo de Ahikar . Ahikar era originalmente um herói sírio, mas se tornou muito popular entre os judeus.

Então, eles o adotaram. Mas de qualquer forma, alguns dos textos especialmente significativos aqui estão entre o papiro Elefantina. Contratos de casamento.

Agora, o que torna os contratos de casamento tão interessantes e significativos? Bem, uma coisa é que eles nos dão muitas informações sobre os costumes do casamento. Uma das coisas que pensamos é que pensamos nos acordos pré-nupciais como sendo uma coisa moderna. Ah, não, eles não são.

Nenhum judeu daquela época jamais teria pensado em se casar sem um ketuvah , um contrato de casamento que estabelecia todas as responsabilidades de cada parte e o que aconteceria se elas se divorciassem. Uma das coisas interessantes reveladas por esses papiros elefantinos é que o divórcio era extremamente comum entre os judeus naquela época. Algumas dessas pessoas se divorciaram várias vezes.

E isso foi algo que continuou a ser um problema até os dias de Jesus. E esta é uma das razões pelas quais Jesus aborda a questão do divórcio. Você sabe, perguntam a Jesus: é lícito divorciar-se de sua esposa em qualquer circunstância? E Jesus diz, bem, não foi assim que Deus planejou.

Certo. E às vezes as pessoas leem isso e pensam, ah, Jesus não foi mau porque disse às pessoas que elas não podem se divorciar? Bem, a razão foi porque era tão comum em uma prática tão horrível que você tinha pessoas como, você sabe, elas se casariam quando eram jovens, e elas conseguiriam um bom negócio da família, e então elas iriam envelhecer um pouco e sua esposa ficaria um pouco mais velha. Então eles se divorciariam dela e conseguiriam uma nova.

Você sabe, então esta foi uma questão de justiça. Jesus diz, você se casa com uma mulher, você fica com ela. Sim.

E então essa é a luz sob a qual essas palavras devem ser lidas, não a luz desta ideia de que, ah, esta pobre mulher está sendo espancada pelo marido, mas ela não pode se divorciar porque Jesus disse que você não deveria se divorciar de seu cônjuge. . Não, de qualquer maneira, não foi para isso que foi planejado. E então o divórcio era bastante comum.

Descobrimos que outra coisa que é um pouco mais perturbadora é que os casamentos mistos eram muito comuns nesta colônia militar aqui, você teria pessoas, pais com nomes judeus, e seus netos teriam nomes pagãos. E então, havia um sincretismo de que os judeus estavam adotando alguns dos nomes e alguns dos costumes de seus vizinhos. Encontramos isso refletido em todos esses papiros elefantinos, particularmente em alguns desses contratos de casamento.

Agora, o papiro da Páscoa e o que torna isso tão significativo é que ele reflete o desejo de Dario II de padronizar os costumes judaicos em todo o seu reino. E uma das coisas que, bem, o objetivo principal deste papiro era instruir os judeus em elefantina sobre como celebrar a Páscoa. Pense sobre isso.

Aqui temos um grupo de judeus vivendo no Egito. Eles não sabem como celebrar a Páscoa. E assim, a liderança em Jerusalém está enviando-lhes esta carta instruindo-os sobre a maneira correta de observar esta grande festa do ano judaico, a Páscoa.

E então mais uma aqui, que é quase cômica de certa forma, mas não cômica de outra forma, a petição a Baco. Ele é o governador em Jerusalém e é judeu. E num certo sentido, aparentemente, ele também tem autoridade sobre estes judeus no Egito. Não temos certeza de como tudo funcionou legalmente, mas, aparentemente, ele tem algum tipo de influência lá, legalmente falando.

Pois bem, os judeus da colônia militar no Egito escreviam ao governador de Jerusalém, pedindo a sua intervenção para que pudessem reconstruir o seu templo. Os judeus no Egito construíram um templo no Egito. E lá, no Egito, sacrificavam animais.

Bem, isso estava causando alguns problemas porque eles estavam sacrificando cabras. E um dos maiores templos daquela região foi dedicado ao Deus bode egípcio. E assim, os sacerdotes do templo egípcio foram até lá e incendiaram o templo judaico.

Bem, agora os judeus estão solicitando permissão para reconstruir o seu templo. Isso colocou o governador de Jerusalém em uma situação difícil porque, por um lado, ele queria que eles tivessem um lugar para adorar, mas, por outro lado, eles não deveriam fazer sacrifícios. De acordo com o livro de Deuteronômio e depois com as reformas deuteronômicas e as reformas de Josias, você não deveria sacrificar nenhum lugar a não ser em Jerusalém.

Então, eles precisam descobrir o que fazer com essa pequena situação aqui. E o que eles fizeram foi enviar uma carta aos judeus em Elefantina. Eles organizaram tudo para que pudessem reconstruir seu templo, mas não deveriam fazer nenhum sacrifício de animais ali.

Eles poderiam sacrificar grãos. Eles poderiam fazer suas orações lá. O templo foi construído de modo que sua porta ficasse voltada para Jerusalém.

A propósito, havia também alguns outros templos no mundo antigo cujas portas também davam para Jerusalém, mas os sacrifícios de animais só podiam ser feitos em Jerusalém. Então esse foi o tipo de compromisso que eles fizeram lá. É notável, porém, porque mostra novamente como havia essa falta de padronização do Judaísmo em todo o Império Persa.

E por meio do sistema postal persa, eles estavam começando a formar uma identidade padronizada em todo o império. E o impacto religioso? Sabemos que existem grandes diferenças entre a religião judaica do Antigo Testamento, ou o que poderíamos chamar de religião Yahwista do Antigo Testamento, e a religião judaica do Novo Testamento. E algumas dessas coisas que vemos e que realmente se destacam para nós são coisas como a crença em anjos e demônios.

É claro que temos anjos no Antigo Testamento, mas eles parecem ter um tipo de função diferente daquela que desempenham no Novo Testamento. O diabo. Vamos falar um pouco sobre o diabo, porque o diabo, da maneira como pensamos sobre o diabo no Novo Testamento, é o inimigo do povo de Deus.

Ele não está em nenhum lugar do Antigo Testamento, na verdade. Demônios e possessão demoníaca. Agora, existem demônios no Antigo Testamento.

Eles estão meio escondidos nas rachaduras. E falaremos um pouco sobre isso também. Mas a ideia de possessão demoníaca você nunca vê isso no Antigo Testamento, sabe? E depois, claro, a ressurreição dos mortos, que é central para a nossa fé no Novo Testamento.

Muito, muito importante para os fariseus. Ainda não está realmente definido como uma certa crença judaica no período intertestamentário. Um pouco mais tarde, nos escritos da Mishná e do Talmud, os judeus proclamariam que quem não acredita na ressurreição dos mortos não tem parte na ressurreição dos mortos.

Eventualmente, tornou-se um artigo de fé entre os judeus que era necessário acreditar na ressurreição dos mortos. Hoje em dia? Meio questionável. Mas mesmo assim.

Então, essas são algumas das diferenças. E a questão é: de onde vêm essas diferenças? Como eles surgem? Parte do que vemos acontecer aqui é uma trajetória a partir das crenças do Antigo Testamento, e depois apenas seguindo sua trajetória natural, talvez sendo inspirado ou encorajado, talvez, pelo contato com o Zoroastrismo. Há muitos pontos em comum entre o Zoroastrismo e o Judaísmo.

Tal como o Judaísmo, o Zoroastrismo ensinava que havia um Deus último que é bom. Um Deus é o criador de todas as coisas. Segundo o Zoroastrismo, existe apenas um criador, Deus.

Isso o diferencia de muitas outras religiões da época, mas, novamente, dá-lhe um bom terreno comum com o Judaísmo. Agora, há dúvidas sobre quando se poderia dizer que o Zoroastrismo se tornou monoteísta.

Ou mesmo que seja monoteísta. Porque Angra Mainyu, o deus do mal, é, em certo sentido, um deus. Então, há a questão de saber se você poderia ou não considerá-lo monoteísta.

Mas a maioria das pessoas a consideraria uma das religiões monoteístas. Tal como o Judaísmo, o Zoroastrismo ensinou que Ahura Mazda é a fonte da moralidade. E eu estava falando recentemente em um sermão sobre isso.

Você sabe, nenhum deus grego jamais disse algo como o deus judeu, que diz ao seu povo: Seja santo, pois eu, o Senhor seu Deus, sou santo. Na melhor das hipóteses, o que os deuses gregos poderiam ter dito seria: Faça o que eu digo, e não o que eu faço, porque os deuses gregos não eram exatamente conhecidos pela sua moral elevada.

Isso não é verdade para o Zoroastrismo. Ahura Mazda é a fonte de toda bondade e o modelo de toda bondade, de acordo com o Zoroastrismo. E assim, este é outro ponto de contato entre o Zoroastrismo e o Judaísmo.

O Zoroastrismo traçou fortes contrastes, contrastes nítidos entre a verdade e a falsidade, entre a luz e as trevas. Vemos tipos semelhantes de contrastes, é claro, em muitos textos do Antigo Testamento. E essa compreensão de que não existem muitos tons de cinza.

Agora, a ideia de que existe o certo e o errado, que existe a verdade e a falsidade, que existe o bem e o mal. Este é também um núcleo da fé judaica, da fé Yahwista. Esta também se tornou uma questão central no Zoroastrismo.

Portanto, é um ponto comum em questões como esta que permitiu aos judeus entrar realmente em diálogo com os ensinamentos zoroastristas. E vemos isto acontecer muito mais tarde na Babilônia e mais tarde na Pérsia, particularmente nas eras Parta e Sassânida. Então vamos falar um pouco sobre dualismo aqui porque às vezes se diz que o Zoroastrismo é a única religião dualista verdadeira.

Como eu disse, há questões sobre o quão dualista é o Zoroastrismo. Mas, na maior parte, o que queremos dizer quando falamos sobre dualismo é que existem espíritos bons e maus que estão em conflito uns com os outros e que se trata de um conflito real, não de um conflito falso. Há aqueles que acreditam, mesmo entre os cristãos, que o diabo é basicamente uma marionete, que Deus está usando o diabo para fazer todo tipo de coisas ruins para nos testar, e que o conflito não é real.

Na verdade, é mais uma espécie de batalha simulada entre Deus e o diabo. Bem, o dualismo diz que isso não é verdade. O dualismo diz que existem poderes que estão em conflito uns com os outros e que isso é real.

O dualismo puro postula a existência de dois poderes opostos iguais. Então, uma forma pura de Zoroastrismo, e eu diria que vi o Zoroastrismo caracterizado desta forma. Eu não acho que seja verdade.

Mas há aqueles que acreditam que no Zoroastrismo, que Angra Mainyu, o deus do mal, o deus do mal, e Ahura Mazda eram vistos como iguais em poder e assim por diante. Eu não acho que isso seja verdade. Caso contrário, Ahura Mazda não poderia destruí-lo no final.

Mas isso realmente me lembra um filme de Hollywood, um dos filmes Oh God, onde George Burns interpretava Deus e o diabo, e era como se ambos fossem iguais. Você sabe, isso é dualismo. Quero dizer, isso é um dualismo completo.

Mas não precisamos ir tão longe para ter uma religião dualista. O dualismo não é um foco principal do Antigo Testamento. A guerra espiritual não ocorre muito no Antigo Testamento.

Aparece de vez em quando, mas não, na verdade não, não é grande coisa. E, de fato, parece, de certa forma, de certa forma, ser deliberadamente suprimido por razões que abordarei em apenas um minuto. Por outro lado, no Novo Testamento, o dualismo é uma característica importante da religião do Novo Testamento.

Estamos em conflito contra o nosso inimigo, o diabo. Ele anda como um leão rondando procurando alguém para devorar. Seus espíritos, os demônios, estão trabalhando contra as nossas almas, procurando destruir-nos e afastar-nos de Deus.

Esta é uma religião dualista que abraçamos. E eventualmente, você sabe, sabemos quem ganha. Portanto, estamos dispostos a suportar essa parte dualista por enquanto.

No Antigo Testamento, uma das características do mundo antigo é algo que chamamos de mito do combate. E isso meio que aparece de vez em quando no Antigo Testamento. O que quero dizer com mito do combate? No antigo Oriente Próximo, A&E significa, você sabe, o antigo Oriente Próximo; normalmente, o deus principal alcança seu cargo ao derrotar um deus maligno.

Na maioria desses mitos, é algum tipo de monstro marinho. Marduk, o grande deus babilônico, precisa derrotar Tiamat para se tornar o chefe dos deuses. Baal, o cara que bisbilhota muito no Antigo Testamento, precisa derrotar um sujeito chamado Lothan para se tornar o deus principal.

Então, esses espíritos, esses conflitos, são fundamentais para as mitologias dessas religiões. Aparentemente, o Israel pré-bíblico conhecia esse tipo de lenda. E como eu disse, de vez em quando, eles colocam a cabeça para fora um pouquinho.

Mas eles são apenas sugeridos. Eles são rejeitados como sendo históricos. Assim, por exemplo, temos no Livro dos Salmos referências ao Leviatã, que é o equivalente etimológico do nome Lotã.

Ele aparece no Salmo 74:13 e 14, Salmo 27, e muito provavelmente também é o equivalente a Raabe em Jó 26:12. Nestes textos, o que vemos é que o Leviatã fica meio que, poderíamos dizer, historicizado. A figura mitológica que poderia ter sido

considerada, em algum momento pré-histórico, uma espécie de rival de Deus é agora simplesmente outra criação.

Um ser criado para que Deus possa demonstrar seu poder sobre essa coisa. Em alguns lugares, é uma personificação do Egito com seu rio sinuoso e todo esse tipo de coisa. Mas a ideia de que Deus teve que travar uma batalha para se tornar o Senhor não aparece em nenhum lugar do Antigo Testamento.

Então, existem oponentes a Deus no Antigo Testamento? Não oficialmente. Algumas das imagens do mito do combate são usadas. A conquista de Deus sobre o Egito é usada no Salmo 74.

E esse mito do combate é usado como ilustração. Pode ser a maneira como alguém fala sobre como alguém é tão forte quanto Hércules. Isso não significa que acreditamos em Hércules, mas o usamos como ilustração.

É assim que penso que deveríamos entender esse tipo de linguagem no Livro dos Salmos. Em Jó 41, o Leviatã é basicamente um crocodilo. E assim, temos o grande mito do combate agora historicizado e naturalizado nesta pessoa do crocodilo.

Na era intertestamentária, o conflito reafirma-se. Vemos que existem anjos patronos de nações pagãs que estão na verdade em guerra com os anjos de Deus e os patronos de Israel, e na verdade estão tentando frustrar os planos de Deus.

Isto aparece em Daniel capítulo 10, mas também aparece em outros textos intertestamentários. Mas em Daniel 10, ouvimos como Daniel está orando para entender por que Deus não restaurou sua nação. E o anjo Gabriel diz: Tentei voltar há um tempo, mas não consegui porque o príncipe da Pérsia estava lutando contra mim.

Eu não pude ir. Então Miguel, o grande príncipe, veio e lutou contra aquele príncipe. Isso me permitiu vir aqui e trazer a mensagem para vocês.

Então, temos uma verdadeira luta acontecendo nos bastidores. Uma luta entre o arcanjo Miguel e o patrono angélico da Pérsia. E ele também nos avisa, diz ele, agora o príncipe da Grécia está chegando.

Então, agora temos a ideia de que também existe um príncipe angélico por trás da Grécia. E que isso também trará esse conflito espiritual e essa guerra que está acontecendo nos bastidores. Mas e quanto a Satanás? Onde ele aparece em todo esse negócio? Mencionei a ideia de Satanás anteriormente.

Na maioria dos textos do Antigo Testamento, temos a palavra satanás, que aparece diversas vezes no Antigo Testamento. Na maioria dos textos do Antigo Testamento,

Satanás não é um nome próprio. Você sabe, Satanás é um nome próprio no Novo Testamento, não tanto no Antigo Testamento.

Ok, normalmente é um título. Satanás significa simplesmente um adversário. E muitas vezes no Antigo Testamento, é usado para alguém que apresentou uma acusação contra outra pessoa.

O interessante sobre o Antigo Testamento é que muito frequentemente, quando pensamos em alguém apresentando uma acusação, podemos pensar nele como um promotor. No Antigo Testamento, os promotores podiam atormentar suas testemunhas. Eles foram autorizados a assediá-los.

Eles foram autorizados a usar texugos reais, se conseguissem um. Mas, de várias maneiras, o sistema judicial permitiu que as pessoas usassem vários tipos de táticas dissimuladas e desagradáveis, a fim de enganar as pessoas e fazê-las revelar sua culpa. Então, se você está apresentando uma acusação contra alguém no tribunal, você sabe, às vezes você pode tratá-lo de maneiras realmente desagradáveis, a fim de tentar provar sua culpa.

Assim, à medida que percorremos o Antigo Testamento, vemos algumas destas referências a Satanás. Muitas vezes isso se refere a adversários humanos. Em 1 Samuel 29, 1 Reis 11, Salmo 109, claramente Satanás é um adversário humano.

Alguém que veio contra alguém fisicamente para lutar contra ele ou para levá-lo ao tribunal e arrastá-lo ao tribunal e fazer coisas desagradáveis com ele. É como, você sabe, um texto diz, você sabe, que o adversário e que Satanás estejam à sua direita. Em outras palavras, estou amaldiçoando esse cara por ter sido levado ao tribunal.

Agora, em Números 22:22, um anjo se posiciona contra Balaão, o profeta. E somos informados de que este anjo que se opõe a ele é Satanás. Ele é mau? Não, ele está fazendo a vontade de Deus.

Então, claramente não é desse diabo que estamos falando aqui. Ele está agindo sob as ordens de Deus para se opor a Balaão, já que Balaão está a caminho para aparentemente amaldiçoar os israelitas. Nos capítulos 1 e 2 de Jó, aqui está um dos usos mais controversos do termo.

Mas somos informados no livro de Jó que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor e que satanás estava no meio deles. O que satanás significa? Depende de qual tradução da Bíblia você usa. Porque algumas traduções da Bíblia traduzem Satanás com S maiúsculo. Isso é irritante porque, você sabe, há aquele artigo definido ali, o Satanás, e deveria ser traduzido como adversário.

Mas que adversário? Meu sentimento é, e novamente, isso é, você sabe, estamos pisando em um pouco de gelo fino aqui. Mas a minha sensação é que isto é como um advogado de acusação. Este é um dos oficiais do céu.

Seu trabalho é investigar pessoas. Então Deus diz a Satanás: Ei, o que você tem feito aí, Satanás? E Satanás diz, bem, tenho andado por toda a terra e verificado todo mundo. E Deus diz, sim, e o meu homem Jó aí? Agora, aí está um cara legal.

E o satanás diz, você sabe, a única razão pela qual ele é bom é porque você o está abençoando muito. Vamos ver o que acontece se tirarmos todas essas bênçãos. Esta é precisamente a maneira como um promotor trabalharia no mundo antigo, se eles quisessem criar dúvidas e estivessem dispostos a fazer uso físico para fazê-lo.

Portanto, o satanás no livro de Jó parece não ser o diabo do Novo Testamento. Agora ele prefigura o diabo do Novo Testamento. Ele faz.

Mas esse é, você sabe, outro assunto, no qual realmente não posso me aprofundar agora. De qualquer forma. Zacarias capítulo um e dois.

Mais uma vez, temos o Satanás. E o acusador está acusando o sumo sacerdote Josué. Do que ele o está acusando, não sabemos.

Mas diz que é uma visão onde o profeta vê o sumo sacerdote parado ali, vestido com vestes sujas. E o Satanás está ali acusando-o de todo tipo de coisa desagradável. E Michael defende o satanás e diz, você sabe, o Senhor te repreende.

Então, temos Michael agindo como se fosse o advogado de defesa, o que é uma imagem legal quando você pensa nisso. Sim. Primeira Crônicas 21.1. Este é o único lugar no Antigo Testamento onde podemos dizer com certeza que a palavra Satanás é usada como nome próprio.

Aqui somos informados de que Satanás tenta Davi. E esta é uma afirmação notável. Este texto foi claramente escrito na era persa, talvez bem mais adiante na era persa.

E podemos contrastar isso com 2 Samuel 24, que conta a mesma história. É sobre como Davi foi tentado a numerar o povo de Israel e fazer um censo do povo. E o rei não deveria fazer um censo.

Mas de acordo com 2 Samuel 24, somos informados de que o Senhor tentou Davi a fazer um censo do povo. Agora, essa é uma passagem difícil. É uma passagem difícil porque, você sabe, lemos no livro de Tiago que Deus não tenta as pessoas a praticarem o mal.

Mas não é isso que 2 Samuel diz. Bem, Primeiro Crônicas meio que corrige isso porque Primeiro Crônicas nos diz que foi Satanás quem tentou Davi a numerar o povo de Israel. Teologicamente, podemos conciliar isso, ok? Podemos dizer, bem, você sabe, se ele é o promotor, ele está agindo sob as ordens de Deus.

Teologicamente, podemos fazer isso. Historicamente, pode não ser tão claro. Então, como esse Satanás se torna o diabo? Bem, no Zoroastrismo, temos um Hiramazda travado em combate perpétuo com esse cara malvado chamado Angra Mainyu, ok? Esta pessoa muito poderosa, forte e má.

Angra Mainyu é a fonte de todo o mal. Ele é o pai das mentiras. E isso também nos parece familiar.

Estamos familiarizados com o Novo Testamento. Mas abaixo desse chefe demoníaco, existe uma legião de espíritos malignos que fazem o trabalho dele, ok? E de acordo com o Zoroastrismo, isso é muito ordenado como um exército. É classificado como um exército.

E eles têm os nomes de todos os vários espíritos. E isso me lembra muito o Novo Testamento, onde Jesus expulsa demônios, e os escribas e fariseus dizem que ele expulsa demônios pelo príncipe dos demônios. O que, claro, pressupõe esta hierarquia de espíritos, tal como vemos no Zoroastrismo.

Eventualmente, somos informados de que Hiramazda irá destruir Angra Mainyu e seus asseclas. E, claro, sabemos o final da história do livro do Apocalipse, onde o diabo e todos os seus asseclas do mal são lançados no lago de fogo. Essa imagem também se adapta muito bem à religião zoroastriana.

Agora podemos perguntar: o que veio primeiro? E eu acho que essa é uma pergunta legítima. Estaria o Judaísmo já numa trajetória rumo a uma compreensão de Satanás como um oponente de Deus e um oponente do povo de Deus? Não parece ser antes do período intertestamentário. Mas no período intertestamental e naqueles dias de dominação persa, vemos isto vir muito mais à tona.

Poderíamos supor que a influência do Zoroastrismo ajudou os judeus a compreender o diabo como uma entidade espiritual separada, na verdade, literalmente oposta à obra de Deus. Eles entenderam que poderiam fazer isso, poderiam abraçar essa ideia sem ter que acreditar em dois deuses. Veja, isso era uma coisa importante para eles porque eles acreditavam em um único Deus.

Mas se acreditarem que estes outros espíritos não são Deus, então poderão nutrir este tipo de dualismo sem cair numa forma de politeísmo. Os anjos são outro aspecto de todo esse processo. No Antigo Testamento, os anjos desempenham um papel secundário.

Eles são mensageiros de Deus. Eles são os guerreiros de Deus. Ouvimos falar das hostes angélicas.

Eles parecem fazer parte do conselho divino, embora isso seja questionável. No período intertestamentário do Judaísmo, por outro lado, os anjos tornam-se muito, muito mais proeminentes. É realmente no livro de Daniel que vemos pela primeira vez nomes de anjos.

É claro que sabemos que o Livro de Daniel foi escrito no período persa e depois, claro, no período grego. Mas os anjos assumem esses papéis como sendo uma espécie de emissários de Deus, mais do que no Antigo Testamento. Anjos são indivíduos.

Eles têm nomes. Os anjos são especialistas. E descobrimos isso, especialmente em textos como 1 Enoque.

E 1 Enoque está profundamente interessado em anjos e tem uma angelologia altamente desenvolvida. E esse tipo de ideia se estende profundamente ao Judaísmo, à era do Novo Testamento, à era rabínica e assim por diante. Os anjos têm várias categorias.

Já vemos um pouco disso no Antigo Testamento. Posso pensar em uma passagem em que Josué encontra um anjo antes de sair e ele diz: então você é por nós ou pelos nossos inimigos? E o anjo diz: Estou aqui como capitão dos exércitos do Senhor. Então, já naquele livro de Josué, vemos a ideia de que os anjos poderiam ter diferentes categorias, mas isso não é muito enfatizado.

Bem, quando chegamos ao Judaísmo Intertestamentário, todos eles recebem classificações. Todos eles recebem especializações. Eles recebem descrições muito explícitas de suas diferentes responsabilidades e assim por diante.

Portanto, vemos estes como muito semelhantes aos asseclas de Ahura Mazda no Zoroastrismo. Novamente, a questão é quanta influência estava realmente envolvida aqui? Não podemos dizer com certeza, mas o que podemos dizer é que havia claramente uma ideia em desenvolvimento de que havia outros espíritos além do Senhor que não ameaçavam a posição da alma de Deus como sendo o único Deus. Poderia haver esse entendimento de que existem espíritos que não são necessariamente seres divinos nesse sentido.

E o mesmo, claro, acontece com os demônios. O Antigo Testamento sabe da existência de demônios, mas não diz muito sobre eles. A ideia de fileiras demoníacas, a ideia de possessão demoníaca e até mesmo a ideia de demônios tentando as pessoas não aparecem no Antigo Testamento.

Claro, é muito importante no Novo Testamento. O papel dos demônios no Antigo Testamento é muito semelhante ao papel dos demônios que encontramos na Mesopotâmia e na Síria. Eles são encenqueiros.

Eles trazem os ventos ruins. Eles causam desastres. Eles se escondem nos reinos entre as terras e assombram as ruínas de lá.

Assim, no mundo antigo, a crença nos espíritos era universal. Todos acreditavam em espíritos, demônios, como às vezes os chamamos. Muitas vezes, nas religiões mesopotâmicas, acreditava-se que esses demônios eram descendentes de deuses.

Às vezes, acreditava-se que eram espíritos dos mortos. Um espírito dos mortos que não tivesse sido devidamente propiciado com oferendas poderia se tornar um demônio. Os demônios habitavam, como eu disse, os reinos entre a terra onde as pessoas viviam e os céus onde viviam os deuses.

Eles são os espíritos do céu. No Novo Testamento, Paulo fala sobre o príncipe das potestades do ar, e lá ele fala sobre os demônios, é claro. Então, esse era o reino dos espíritos demoníacos.

Os demônios podem ser responsáveis pela doença. Eles podem causar problemas, mas nunca foram considerados como causadores do pecado dos humanos. Isso é por nossa conta.

Então, novamente, no Antigo Testamento, acredito que há uma evitação deliberada do tema dos demônios. Na verdade, principalmente porque havia esse entendimento entre a maioria dos povos antigos de que os demônios eram deuses. Eles são deuses menores, mas eram deuses.

O tema principal do Antigo Testamento, a ideia principal que eles querem estabelecer, é que existe apenas um deus. Então, você não pode falar muito sobre espíritos demoníacos porque isso seria confuso para as pessoas. Você sabe? Não há palavra no Antigo Testamento equivalente à palavra demônio no Novo Testamento.

Quando lemos a palavra demônio, sabemos do que se trata no Novo Testamento. No Antigo Testamento, existem muitos espíritos diferentes que parecem ser demônios – os Shadim, que parecem ser demônios da tempestade, mencionados em Deuteronômio 32.

Os Saarim parecem ser demônios bodes em Levítico 17 e Isaías 34. Lilith, a bruxa da noite. Agora, Isaías 34.

Azazel pode ser o demônio cabra peludo. Você sabe, há dúvidas sobre isso também. Agora, há controvérsia em torno de todos esses números porque muitas pessoas acreditam que se referem a demônios.

Outras pessoas pensam que se referem a animais naturais. No contexto, parece que demônios são muito possíveis. Mas esses demônios são retratados como vivendo em áreas ermas e são adorados pelos israelitas apóstatas.

E essa é uma das razões pelas quais não creio que estejamos falando de animais aqui. Como os israelitas saíam para o deserto para adorar esses espíritos, novamente, eles poderiam causar problemas, mas não eram considerados tentadores.

No Zoroastrismo, os demônios são um pouco diferentes porque desempenham papéis importantes ali. Os demônios são os asseclas de Angra Mainyu. Eles fazem o trabalho sujo dele.

Eles têm nomes. Eles têm especializações. Eles fazem coisas ruins.

Tudo bem. A ideia de demônios tendo nomes aparece no Novo Testamento? Ah, sim, é verdade. Sim.

Jesus, conversando com os demônios, diz: diga-me, qual é o seu nome? E diz, nosso nome é legião pois somos muitos. Portanto, a ideia de que os demônios poderiam ter nomes pessoais é algo que parece ser novo no Novo Testamento. Os reis persas distinguiam entre a adoração dos deuses locais, que era tolerada, e a adoração dos demônios, que era tratada com severidade.

Já lemos o discurso de Xerxes sobre como ele destruiu a adoração dos demônios. Então, eles fizeram esta distinção clara entre as diferentes forças e as diferentes características dessas forças. Deuses são deuses.

Demônios são demônios. Os demônios não são deuses, de acordo com o Zoroastrismo. Então o interesse pelos demônios na era intertestamentária foi encorajado pelo contato com o Zoroastrismo? E este aqui, acho que podemos ver que definitivamente poderia ter sido algo que poderia ter ajudado os judeus a entender como poderia haver espíritos malignos no mundo, como poderia haver espíritos que não são Deus, espíritos que têm más intenções. nós, e espíritos que não trabalham apenas de forma caótica, mas sim cujas tarefas e cujos deveres são, de certa forma, coordenados.

Portanto, a ideia do demonismo do Novo Testamento vindo e existindo, ou pelo menos sendo inspirado por algumas dessas ideias do Zoroastrismo para mim, é bastante plausível. Agora, vida após a morte. Este é o último sobre o qual falaremos

aqui, e é uma espécie de um dos exemplos clássicos usados pelos estudiosos da Bíblia para falar sobre a influência do Zoroastrismo.

O Antigo Testamento não está muito interessado no assunto da vida após a morte. E isto é surpreendente porque se trata de uma ideia, um tema que encantou absolutamente os antigos vizinhos de Israel no Oriente Próximo. Quero dizer, os egípcios construíram essas pirâmides gigantes para preservar as almas dos seus faraós após a morte.

Os trabalhadores, os homens comuns do Antigo Império Egípcio, queriam ser enterrados à sombra da pirâmide para que pudessem viver após a morte. Nos reinos intermediários e posteriores, é claro, as pessoas comuns eram até mumificadas para que pudessem sobreviver à morte. Nas cidades de Canaã, como Jericó, eles enterravam literalmente os mortos sob o chão das casas para que pudessem continuar a cuidar de seus espíritos após a morte.

Na Mesopotâmia, temos tumbas equipadas com tubos de alimentação para que as pessoas pudessem derramar libações nas tumbas para manter os mortos felizes. Então, em todo Israel, temos pessoas que estão apaixonadas por esta ideia de vida após a morte. E então lemos o Antigo Testamento e quase nada.

Bem, quase nada, mas o que existe é meio questionável. No Antigo Testamento, os mortos eram frequentemente considerados semideuses. A ideia de que o espírito de uma pessoa morta fosse um ser divino era bastante comum.

E até vemos isso escapar um pouco em alguns textos do Antigo Testamento, quando Saul, o rei, vai até a bruxa de Endor e pede que ela traga à tona o espírito de Samuel. Quando esse espírito aparece, a bruxa de Endor grita de medo. E Saulo diz: o que você vê? E ela diz que vejo um Deus surgindo da terra.

Portanto, a ideia de que os espíritos dos mortos eram, em certo sentido, deuses, prevalecia e estava presente até mesmo em Israel. E então, quando o tema principal do Antigo Testamento é estabelecer que existe um Deus e apenas um Deus, você pode entender por que eles podem ter alguns problemas com todos sendo obcecados pelos espíritos dos mortos, quando o entendimento comum era que estes eram deuses.

Cuidados com a alimentação dos mortos. Já falei um pouco sobre isso. Então o Antigo Testamento estava evitando deliberadamente o tema da vida após a morte em grande parte de sua narrativa? Eu penso que sim.

Eu penso que sim. Penso que só no final do Antigo Testamento é que a ideia de vida após a morte pôde ser discutida com alguma abertura. Agora, isso não quer dizer

que houvesse alguma imagem, é claro, no livro de Isaías e no livro de Ezequiel, há imagens que falam sobre a ressurreição.

Mas, curiosamente, essa imagem é usada para falar sobre a nação sendo restaurada à vida novamente, e não sobre pessoas individuais sendo restauradas à vida novamente. A ideia de um indivíduo sobreviver à morte e voltar à vida é algo que você não vê no Antigo Testamento. Na verdade, não até chegarmos ao que pode ter sido o último livro escrito no Antigo Testamento, que é o livro de Daniel.

Assim, as ideias de ressurreição começam a surgir no final do Antigo Testamento. Agora, ouvimos falar deste lugar chamado Sheol . Os mortos não vão para o céu.

Você nunca encontrará nenhum lugar no Antigo Testamento que fale dos mortos indo para o céu. Aliás, também não há muito sobre isso no Novo Testamento. Mas de qualquer forma, você não encontra a ideia dos mortos indo para o céu.

Eles estão esperando no Sheol pela ressurreição de seus corpos. Durante o período intertestamentário, começamos a ver uma diversidade de pontos de vista sobre a ressurreição. Vemos 1 Macabeus, do qual já falei, sem nenhuma menção à ressurreição dos mortos.

Sua esperança para a vida após a morte é que alguém se lembre de você e diga coisas boas sobre você depois que você morrer. Segundo Macabeus, os justos serão restaurados à vida novamente. Os mortos irão para a tumba e apodrecerão.

E vemos que isso continua na era do Novo Testamento, é claro. Os saduceus negaram na era do Novo Testamento que existisse algo como a ressurreição dos mortos. Os fariseus, por outro lado, acreditam fortemente na ressurreição dos mortos.

Também temos em muitos textos a ideia da dupla ressurreição, a ressurreição de todas as pessoas, pessoas boas, para uma vida eterna de bem-aventurança e na presença de Deus, a ressurreição das pessoas más para o tormento eterno no lago de fogo. As crenças zoroastristas influenciaram as ideias judaicas sobre a vida após a morte? Agora, como já mencionei, este é um exemplo clássico que os estudiosos usam para falar sobre a influência zoroastriana no judaísmo porque, de acordo com muitos textos zoroastrianos, os zoroastrianos têm uma compreensão muito elaborada da vida após a morte. Mas aqui está a questão.

Não sabemos quando essas ideias surgiram. Assim, os zoroastrianos falam de um lago de fogo e dos mortos e dos bons justos passando por um lago de fogo. Os justos, quando passam por este lago de fogo, são purificados.

Eles se tornam santos e prontos para a presença de Deus. Os maus, quando passam por este lago de fogo, bem, eles são queimados. E assim essas imagens poderiam ser compatíveis com, digamos, o livro do Apocalipse e o Novo Testamento, de certa forma.

Mas não sabemos de onde vieram essas imagens. O Judaísmo foi influenciado pelo Zoroastrismo ou foi este um caso em que eles influenciaram um ao outro? Então, o que vou dizer é que é possível, claro, que o Zoroastrismo tenha influenciado o pensamento judaico ao longo de linhas que já estavam se desenvolvendo no livro de Eclesiastes. Temos o autor de Eclesiastes que questiona a ideia de vida após a morte.

E a certa altura, ele diz, bem, quem pode dizer, você sabe, quem pode dizer se a história da alma de um homem sobe e a alma de um animal desce? Quem pode realmente dizer? Ele é meio agnóstico sobre isso, certo? E isso está muito longe do que encontramos no Novo Testamento, onde nos é dito, você sabe, que os mortos viverão novamente, que ressuscitaremos como Jesus ressuscitou. Claro, você sabe, temos o benefício da ressurreição de Jesus Cristo. Mas essa obsessão pelo Novo Testamento, essa obsessão pela ideia de vida após a morte, poderia ter sido encorajada por esse tipo de contacto com o Zoroastrismo.

Mas, novamente, não podemos dizer isso com certeza, porque sabemos que já havia imagens no Antigo Testamento que usavam a linguagem da ressurreição. Essa imagem veio de algum lugar. Será que as ideias já existiam, permeando o povo de Judá antes mesmo do período intertestamentário? Parece provável para mim.

E assim, o que poderíamos ter visto, mais uma vez, é um encorajamento para os judeus pensarem nesse sentido, mas não necessariamente uma noção de que as ideias realmente se originaram no Zoroastrismo e depois foram adoptadas pelo Judaísmo. Dito isto, vamos deixar a ideia da influência persa, mas precisamos lembrar que o contato entre os judeus e os persas continuou durante séculos após a queda do Império Persa. E assim, as oportunidades de contato e fertilização cruzada continuaram por um longo período de tempo.

Não precisamos temer a ideia de que os judeus possam ter aprendido algo sobre o seu próprio deus através do contacto com outros povos. E essa é uma boa lição para nós também. Você sabe, não acho que seja apostasia aprendermos sobre as religiões de nossos vizinhos.

Adorar os seus deuses é outra coisa, mas aprender sobre eles pode, claro, ser uma experiência enriquecedora para todos nós.

Este é Tony Tomasino e seus ensinamentos sobre o Judaísmo antes de Jesus. Esta é a sessão 4, Influência Persa sobre o Povo Judeu.